



AS INFLUÊNCIAS OCIDENTAIS NAS PRODUÇÕES DOS CONHECIMENTOS DOS ESTUDANTES AFRICANOS NA DIÁSPORA

Vladimir Da Costa¹
Aldair Francisco Chernó²
Luís Tomás Domingos³

RESUMO

As sociedades africanas sofreram uma enorme transformação com expansão europeia entre os séculos XV e XVI. As bases epistemológicas, metodológicas e teóricas da produção do conhecimento de um homem africano se assemelha com a do ocidente. Torna difícil os africanos fugirem das influências ocidentais, uma vez que os idiomas usados para produzir os saberes são do cunho ocidental. Já se passaram centenas de anos, contudo o modo de produção dos conhecimentos nas academias africanas continuam a se alimentar da fonte ocidental. Isso nos leva a questionar os interesses ocidentais com relação à epistemologia africano. Neste trabalho, objetiva-se compreender as influências ocidentais nas produções dos conhecimentos dos estudantes africanos na diáspora. Também entender os desafios que os estudantes da diáspora enfrentam na disciplina de Estudos africanos. O presente trabalho é de abordagem qualitativa, tem o caráter descritivo e analítico, e é de cunho bibliográfico. Os artigos escolhidos foram lecionados em duas disciplinas: Estudos Africanos e Sociologia Africana II. Como resultado parcial do nosso trabalho percebe-se que uma das influências mais visíveis na produção do saber africano é o uso exclusivo de línguas europeias como veículo de expressão científica que reforça esta alienação segundo Hountondji. Partimos do pressuposto que o Ocidente sempre estará influenciando as produções dos estudantes africanos dentro da África e nas diásporas, uma vez que o ocidente tem mais números de pesquisadores tanto nos Estudos Africanos, assim como nas outras áreas. Apresenta-se como o maior desafio dos estudantes africanos fazer uso das referências nos seus trabalhos acadêmicos, ou as metodologias utilizadas ter que corresponder com a realidade africana, pois é difícil pensar num saber que não foi aceito no mundo científico.

Palavras-chave: estudante africano; diáspora; influência ocidental; produção do conhecimento.

UNILAB-CE, Instituto de Humanidades, Licenciatura plena em Sociologia, Discente, dacostavladimir28@aluno.unilab.edu.br¹

UNILAB-CE, Instituto de Humanidades, BHU, Discente, aldairfranciscocherno@gmail.com²

UNILAB-CE, Instituto de Humanidades, Docente, luis.tomas@unilab.edu.br³



INTRODUÇÃO

Os estudantes africanos que vivem na diáspora têm uma educação influenciada pelo Ocidente, as suas formas de produzir conhecimentos é influenciada através dos currículos ocidentais. Se percebe que nas pesquisas realizadas sobre África são do próprio interesse ocidental, nisso se entende que elas não são para africanos, mas, sim, tornar hegemônicos intelectualmente no mundo. A pesquisa objetiva-se em compreender as habilidades dos estudantes africanos nas desconstruções dos conhecimentos influenciados pelo Ocidente. Também entender os desafios que os estudantes africanos de diáspora enfrentam na disciplina de Estudos africanos.

O continente africano é conhecido como berço da humanidade, onde as coisas começaram a ter sentido sobretudo na produção do saber empírico, que hoje não é tão valorizado como conhecimento científico. Atualmente para produzir algo ligado ao saber no mundo acadêmico tem que ser referenciada para legitimar o saber. Para um estudante africano produzir o saber, ele depara com muitas dificuldades, uma vez que os materiais encontrados para elaboração do trabalho são dos autores ocidentais. Segundo Domingos (2017, p.194) “ao longo do século XIX, a ideia Pan-africana se enriqueceu e se consolidou para encontrar soluções diante das circunstâncias difíceis que estavam envolvidas então os Africanos e Afrodescendentes, a Diáspora”.

Esta pesquisa é um trabalho acadêmico que busca uma forma simples de questionar as influências do Ocidente em todas produções dos conhecimentos dos estudantes africanos. Sabemos que é difícil fazer uma pesquisa sem nenhuma produção dos ocidentais, pois eles têm mais números de pesquisa no mundo. Fazer este trabalho é uma provocação também para os futuros pesquisadores que vão se debruçar sobre essa temática.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa, descritiva e analítica, onde nos apropriamos da pesquisa bibliográfica com os seguintes autores: Hampâté Bâ (A tradição viva, 2010), Didier N. Kaphagawani e Jeanette G. Malherbe (Epistemologia africana, 2002), Roquinaldo Ferreira (A institucionalização dos Estudos Africanos nos Estados Unidos, 2010), Paulin J. Hountondji (Conhecimento de África, conhecimento de Africanos, 2008), Olúfêmi Táíwò (O que são “Estudos Africanos”?, 2016), Luís Tomás Domingos (Entre estigmas e traumas da violência, 2017; África e Diásporas, 2020). O desenvolvimento deste trabalho está dividido em três (3) seções: na primeira seção, tratamos sobre as influências do Ocidente nos estudos africanos; na segunda seção, abordamos sobre modos de produção de conhecimento dos estudantes africanos na diáspora; na terceira seção, discutimos sobre as construções de novos saberes africanos na diáspora, e fecha com considerações finais.

Posto isto, pretendemos construir um roteiro de trabalho, no qual serão organizados os conteúdos ligados ao tema, em seguida coletados registros nos materiais em estado bruto. Posteriormente, organizar-se-ão os dados para levantamento de questões de trabalho, atendendo à proposta da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

AS INFLUÊNCIAS DO OCIDENTE NOS ESTUDOS AFRICANOS

O Ocidente dominou o mundo em todas as esferas, sejam sociais, na política, na economia e na cultura, e tudo tem sido conduzido de uma forma hierarquizada dentro dos países dito não desenvolvidos. Nas academias africanas, a maioria dos materiais didáticos ou os currículos são idênticos aos dos ocidentais, e nota-se que, na educação africana, todas as disciplinas sofrem uma influência ocidental. Este discurso nos



leva a questionar, quais são os objetivos dos ocidentais para estudos africanos? Se formos parar para responder a essa pergunta, poderiam surgir várias outras, uma vez que o modo de produção do conhecimento dos ocidentais é de forma capitalista dominante, e quando eles produzem algo, sabem que os países colonizados vão se apropriar desse conhecimento, nisso se percebe que “as produtividades dos países dominados passa a ser incorporada com dos dominadores”, segundo Táíwò (2016, p.1648).

O principal objetivo dos Ocidentais, sobre estudos africanos, na minha concepção é se tornarem superiores intelectualmente no mundo, e na América do Norte. Táíwò afirma que:

[...] as atividades de produção do conhecimento são guiadas pela necessidade de conhecer a África. Ainda assim, “a necessidade de conhecer a África” em si pode ser motivada por diversos fatores. Para aqueles estudiosos que se envolvem em estudos africanos per se podemos citar, entre várias outras motivações, o avanço pessoal nas suas carreiras acadêmicas, interesse político, até mesmo fascínio irracional pelo assunto da África, pelos africanos e seu mundo. Para as motivações de fundações, governos e outras agências que financiam a produção do conhecimento em estudos africanos, podemos nos referir ao interesse deles em conhecerem o terreno da África para ajudar a facilitar as relações da América ou do Canadá com a África e seus habitantes, ou sua amizade com eles ou exploração deles (TAÍWO, 2016, p.1651-1652).

É importante ressaltar que os ocidentais investiram muito para realizações das pesquisas, pois sabiam que o resultado ajudaria a chegar mais longe nas conquistas dos territórios dos dominados, pois a questão de geopolítica facilitou o Ocidente ir além das fronteiras, como destacou Ferreira.

Na realidade, a relação entre geopolítica e produção de conhecimento não é uma singularidade norte-americana. Na Inglaterra, como demonstra John Fage, um dos principais nomes da historiografia africanista inglesa, as ciências sociais – sobretudo a antropologia – foram peças “chaves”, para entender e melhor dominar sociedades africanas (FERREIRA, 2010, p.79).

As influências ocidentais se inserem em todas as partes das histórias contadas sobre povos africanos. Uma das grandes influências ocidentais no modo de produção do conhecimento africano, segundo Hountondji (2008, p.157), diz respeito ao “uso exclusivo de línguas europeias como veículo de expressão científica reforça esta alienação”. Assim sendo, segundo esta afirmação, nos convence que é difícil produzir um trabalho científico sem que haja participação dos ocidentais, pois eles estão no centro da toda produtividade do conhecimento intelectual.

Hountondji (2008, p.157) argumenta que,

a maioria dos nossos artigos é publicada em revistas científicas sediadas fora de África, destinando-se, portanto, a leitores não-africanos. Mesmo quando publicamos em África, a verdade é que as próprias revistas académicas africanas são mais lidas fora do que dentro de África.

Já podemos entender que o conhecimento do ocidente é inevitável em qualquer produção científica, principalmente, nas ciências humanas e sociais, e muitos dos países africanos continuam a reproduzir o mesmo pensamento eurocêntrico, isso faz o Ocidente o mais poderoso de todo mundo, pois, ele está em todas produções feitas por estudantes africanos, por dentro e por fora da África (diáspora).

MODOS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES AFRICANOS NA DIÁSPORA

Ter nascido na África não é suficiente para entender toda história africana, mas, precisamos estudar para compreender todas as suas dinâmicas sociais. Um estudante africano, na diáspora, enfrenta no seu dia a dia



os desafios que a academia lhe proporciona, uma vez que os textos lidos provocam-lhe a ter uma visão crítica das coisas. Quando um estudante africano sai da África para ingressar nas academias ocidentais, muitos têm ideias que os estudos serão como foram acostumados nas universidades africanas, o Táíwò vai nos dizer que:

[...] muitos dos estudiosos africanos que chegaram recentemente têm ideias muito definidas do que deveria ser o estudo da África e das suas metas e metodologias adequadas. Estas ideias geralmente não convergem com as de estudos africanos no MOPC americano que eles vieram encontrar. Independentemente de onde estes estudiosos tiverem estudado, eles foram treinados nas disciplinas tradicionais, então eles estão acostumados a se verem como cientistas políticos, sociólogos, historiadores, economistas e assim por diante em vez de como “africanistas” (TAÍWÒ, 2016, p.1663).

Os principais objetivos dos estudantes africanos na diáspora é estudar para desconstruir estereótipos que os ocidentais agregaram para ser superiores aos povos colonizados, segundo Táíwò (2016, p.1664) sustenta que,

muitos destes acadêmicos são motivados por considerações mais relacionadas com as necessidades e exigências dos MOPCs que eles adquiriram e deixaram para trás na África e com as metas e os objetivos que eles definiram para eles próprios dentro dos seus locais anteriores.

Poderíamos acrescentar que a tarefa epistemológica de um africano segundo Kaphagawani e Malherbe (2002) diz respeito à racionalidade.

A racionalidade é a qualidade que nos permite alcançar nossos 4 objetivos e agir com sucesso; ela nos ajuda a negociar o ambiente físico imediato; ela é o meio pelo qual somos capazes de formar uma imagem razoavelmente precisa do nosso mundo; é a estrutura com a qual interpretamos e compreendemos o comportamento dos outros. (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002, p.03-04)

O modo de produção do conhecimento africano se baseia em um saber empírico, que vem sendo transformado em um saber científico para desconstruir os pensamentos eurocêntricos e implantar uma nova visão sobre África. A racionalidade nos aproxima dos novos conhecimentos que o mundo tem a nos oferecer, mas, só pode ter efeito quando direcionamos o nosso saber a restauração de uma epistemologia africana, segundo Kaphagawani e Malherbe:

A racionalidade está intimamente ligada ao conhecimento. A menos que tenhamos uma imagem verdadeira e confiável de como as coisas são no mundo ao nosso redor - a menos, isto é, que nós tenhamos o conhecimento do mundo - é improvável que tenhamos sucesso em agir. O conhecimento é o meio pelo qual podemos direcionar nosso comportamento para alcançar nossos objetivos de maneira mais eficiente e bem-sucedida. A racionalidade que nós humanos buscamos é a racionalidade epistêmica ou racionalidade que visa à verdade e é baseada sobre o conhecimento (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002, p.04).

Sendo assim, Kaphagawani e Malherbe (2002, p.05), ressaltam que “é importante que sejamos capazes de fazer isso para podermos construir uma identidade intelectual coesa para nossa sociedade, identidade essa que atende às demandas particulares do nosso contexto cultural único”. O modo de produção do conhecimento africano na diáspora deve seguir o padrão para manter o saber ancestral (tradição oral), que é alicerce de todos os conhecimentos os quais sustentaram as pesquisas ocidentais sobre África.

CONCLUSÕES

Partimos do pressuposto que o Ocidente sempre estará influenciando as produções dos estudantes africanos dentro da África e nas diásporas, uma vez que o Ocidente tem mais números de pesquisadores tanto nos Estudos Africanos, assim como nas outras áreas. O maior desafio dos estudantes africanos é fazer uso das referências nos seus trabalhos acadêmicos, ou as metodologias utilizadas ter que corresponder com a realidade africana, pois é difícil pensar num saber que não foi aceito no mundo científico. Para que um



estudante africano seja bem-sucedido no mundo acadêmico deve desdobrar o esforço para construir novos olhares no espaço acadêmico, o exemplo disso é visto na UNILAB, muitos africanos quando chegaram à Universidade, se sentiam ofendidos com os textos dados por professores, pois os debates se centralizavam na escravidão e como os povos negros foram humilhados na história da humanidade. Mas, acredito que esses debates amadureceram muitos estudantes com olhares críticos sobre as coisas, e se percebe que a maioria dos trabalhos produzidos na UNILAB, partem das experiências vividas num espaço que foi marginalizado e torturado pelo Ocidente.

Dessa forma, o modo de produção do conhecimento africano na diáspora percorre por uma construção dos saberes ditos tradicionais com valores e identidades. E essa construção de novos saberes não deixa de ser influenciada pelo Ocidente, mas, traz uma narrativa verdadeira da história do povo africano antes da invasão europeia, e como era administrada as sociedades africanas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos a Deus pela força e a sabedoria que nos concedeu para realizarmos este trabalho, também agradecemos a UNILAB, por ser uma Universidade de referência acadêmica e, ensina-nos a ter uma visão crítica das coisas. A nossa sincera gratidão vai para nosso orientador na pessoa do Prof. Dr. Luís Tomás Domingos, por tudo que tem feito por nós, e por ser um bom amigo e pai que nos aconselha em todas as circunstâncias. Muito obrigado!

REFERÊNCIAS

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

DOMINGOS, Luís Tomas. **África e Diásporas: Divergências, Diálogos e Convergências**. Editora Appris; 1ª edição (31 julho 2020)

DOMINGOS, Luís Tomas. **Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afro descendência**. São Leopoldo, v. 22 n. 2, p. 190-208, jul. - dez. 2017.

FERREIRA, Roquinaldo. **A institucionalização dos Estudos Africanos nos Estados Unidos: advento, consolidação e transformações**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 59, p. 73-90 - 2010

HOUNTONDJI, Paulin J. **Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, março 2008: 149-160

KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. **Epistemologia Africana**. New York: Routledge, 2002, p. 219-229. Tradução para uso didático por Marcos Rodrigues.



TÁÍWÒ, Olúfêmi. **O que são “Estudos Africanos”? Estudiosos Africanos, Africanistas e a Produção do Conhecimento.** O Resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas / Helen Lauer, Kofi Anyidoho (organizadores). – Brasília: FUNAG, 2016.